

EDITORIAL

Biopolíticas da COVID-19**Biopolitics of COVID-19**Biopolítica del COVID-19*Camilo Darsie¹¹Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

Recebido em: 13/12/2020

Aceito em: 07/01/2021

Disponível online: 07/01/2021

Autor correspondente:

Camilo Darsie

camilodarsie@unisc.br

Os processos globalizantes intensificaram os deslocamentos humanos, a circulação de mercadorias, o compartilhamento de informações e, conforme se acompanha, a disseminação de doenças. Em relação à Covid-19, os primeiros casos ocorreram em Wuhan, na China, e, em poucos meses, a partir de uma rede estabelecida por dinâmicas espaciais, milhões de pessoas, em diversas cidades, de diferentes países, foram infectadas. Assim, um problema local transformou-se em uma crise global sem precedentes.

Partindo disto, estratégias direcionadas ao enfrentamento da doença passaram a ser pensadas e operacionalizadas por agências nacionais e internacionais de segurança sanitária, por instituições e profissionais de saúde, por governos – em diferentes níveis – e pela população em geral. Foi acionado, de modo mais intenso, um conjunto de conhecimentos e técnicas – por vezes contraditórios e/ou polêmicos – que se constituem e operam por cálculos, previsões e demais instrumentos quantitativos que articulam a política às ciências que envolvem a vida. Ao mesmo tempo, tais conhecimentos e técnicas engajam sujeitos para segui-los e fortalecê-los, tendo em vista suas relevâncias. Para este conjunto de mecanismos de regulação e potencialização da vida dá-se o nome de biopolítica.

“A biopolítica lida com a população e a população como problema político, como um problema a um só tempo político e científico, como problema biológico e, como problema de poder [...]”¹ (p. 292-293). É “a maneira como se procurou, desde

o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...”² (p. 431). A biopolítica agrupa em complexos de forças as instituições que se voltam para a gestão das condutas individuais e coletivas, ainda que entendidas como não políticas.³ Portanto, a biopolítica é o conjunto de conhecimentos, de técnicas e relações de saber-poder que buscam aperfeiçoar e controlar a vida, em níveis individual e coletivo. Ou seja, ela opera por meio das populações para regular os modos de viver de cada um dos sujeitos que as formam.

É relevante atentar ao fato de que o poder, nesta perspectiva, não é um elemento que possa ser tomado, possuído e aplicado “de cima para baixo”. O poder precisa ser entendido enquanto uma rede que se constitui por relações, mecanismos e procedimentos que se direcionam à manutenção dos interesses daqueles sujeitos que formam a própria rede.⁴ O poder opera pela cultura e pelos costumes de múltiplos indivíduos e instituições. Assim “seus efeitos também são múltiplos, não simplesmente negativos ou positivos, mas, [...] ‘produtivos’: são avaliações instáveis, tanto positivas quanto negativas, que podem ser revertidas através da história”⁴ (p. 77). O poder não é bom ou ruim. É algo que produz e que está em constante transformação, que deve ser entendido como um conjunto de relações e não como uma esfera de dominação pessoal ou institucional. Diante disso, é adequado que se pense nos mecanismos que envol-

*Este texto é um recorte adaptado da conferência intitulada “Educação, Geografia e Saúde: estratégias biopolíticas e pandemia de Covid-19”, realizada em novembro de 2020, na Universidade Federal da Integração Latino-americana - Unila.

vem as “relações de poder” em lugar da ideia de “poder”.⁴

Neste contexto, as estratégias biopolíticas são relações de poder que englobam informações e práticas sobre saúde e doença, dados e monitoramentos relacionados aos determinantes sociais, índices econômicos globais e locais bem como outros elementos que envolvem as populações em diferentes lugares do mundo. Elas se tornam, também, cada vez mais articuladas aos processos biotecnológicos e neoliberais que caracterizam as investidas científicas ocorridas nos dias atuais.⁶ As estratégias biopolíticas, assim, subjetivam os sujeitos para os conduzir em direção às “melhores” maneiras de pensarem e de agirem. No entanto, é importante ser entendido que tais estratégias têm início nas dinâmicas humanas – cotidianas e locais –, pois elas criam padrões e normas sociais que direcionam as decisões de Instituições e de gestores públicos. Não o contrário.

Como forma de exemplificar tais questões, o negacionismo científico em relação à Covid-19, emerge como uma boa dinâmica a ser analisada, pois chama atenção o modo como parece desprezar as vidas. Este é um dos principais enfrentamentos contemporâneos, principalmente no Brasil, dada a gravidade de suas possíveis e já existentes consequências. Para que muitos sujeitos neguem ou desconfiem dos perigos da pandemia, foi necessário ser constituído, há mais tempo, a partir das relações de poder, um modo de pensar que põe sob suspeita as orientações oficiais sobre o tema.

Não ocorreu um direcionamento de práticas que previam desestabilizar e desacreditar os responsáveis pelo enfrentamento da crise, especificamente, mas um gradativo apagamento da importância da Ciência, ou de um recorte dos conhecimentos que a constituem, e de diversos fatos concretos ao mesmo tempo em que foram fortalecidos certos devaneios. Tal situação ocorreu, também, a partir do fortalecimento da polarização política em diversos contextos nacionais e do aumento da visibilidade de opiniões pessoais que prometem resolver questões complexas partindo de soluções simples e rápidas.⁷ Foi a significativa circulação de informações, notícias – falsas e verdadeiras – e ideias de livres pensadores relacionadas aos modos de funcionamento, às práticas imaginadas e às discussões que envolvem os meios acadêmico e científico que produziu a tendência de negação, descrédito e até mesmo de ódio em relação a essas estruturas. Neste contexto, instituições, governos e indivíduos passaram a ser subjetivados por opiniões públicas e leigas, constituídas a partir de posicionamentos ideológicos – visto que não existem posicionamentos isentos de ideologias – que colocaram em tensão diferentes “verdades” associadas à manutenção das condições de vida da população.

Diante destas dinâmicas, o discurso econômico, principalmente, a parte que se refere ao empreendedorismo e à possibilidade de rearranjo da economia nacional ganhou fôlego, se tornando central para diversas discussões. Tal situação, contrariou, portanto, um modo de pensar que há muito tempo colocava os enunciados da saúde em vantagem quando associados a outras áreas. Assim, não foram necessárias normas verticalizadas para contrapor as demandas econômicas às da saúde, por meio de uma perspectiva que prioriza as primeiras. Foram as próprias dinâmicas sociais que relativizaram as mortes resultantes da Covid-19 em relação ao possível empobrecimento da população, definindo, também, enunciados e

normativas e demais manobras oficiais acerca da pandemia.

As estratégias biopolíticas, portanto, também foram compostas pelos índices que envolvem as dificuldades e os números que compõem as preocupações econômicas. Partindo disto, intensos jogos de poder, especialmente por parte dos governantes, são feitos semanalmente de modo a dar conta das demandas populacionais frente aos dados sobre a doença e aos indicadores econômicos. Como consequência, ocorre uma gradativa retomada de atividades diversas e o aumento dos casos de infecções enquanto se fortalece a ideia de autogestão dos cuidados necessários para o controle da doença. Passou-se a entender, por meio das estratégias biopolíticas, que cada cidadão é responsável pelo seu adoecimento bem como pelo seu empobrecimento, de acordo com as escolhas feitas acerca dos modos de enfrentar a pandemia. Para além disto, as preocupações econômicas foram colocadas à frente da saúde, pois conforme popularizou-se, “se a economia afundar, a crise será pior que a causada pela doença”, especialmente em um país marcado por grandes desequilíbrios sociais.

Contudo, apesar das estratégias biopolíticas associadas à Covid-19 relativizarem os dados produzidos nos campos da Saúde e da Economia, elas engajam as populações a decidirem pela vida e este é o ponto que deve ser observado neste texto. É pela sobrevivência – nem sempre de todos – que as polêmicas e opiniões diversas se fortalecem e se contrapõem, ocasionando o caos relativo às esferas sanitária, política, econômica e social. Deste modo, independentemente de posicionamentos políticos, todos os envolvidos no processo – ou seja, todos os sujeitos e instituições – são regulados e orientados por meio dessas estratégias. No limite, as biopolíticas da Covid-19 convocam os sujeitos a serem seus coautores quando as apoiam e, também, quando pensam que as evitam, tanto no que se refere à saúde quanto no que diz respeito à economia.

REFERÊNCIAS

1. Foucault, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
2. Foucault, M. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
3. Miller, Peter; Rose, Nikolas. *Governando o presente*. São Paulo: Paulus, 2012.
4. Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
5. Feder, E. K. Poder/saber. In: TAYLOR, Daianna (ed.). *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018, pp. 76-94.
6. Gaudenzi, P. *Mutações biopolíticas e discursos sobre o normal: atualizações foucaultianas na era biotecnológica*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 2017, v. 21, n. 60 [Acessado 12 Dezembro 2020], pp. 99-110. doi: 10.1590/1807-57622015.0870
7. Hillesheim, B; Silva, M.L. *O lugar da ciência na pós-verdade (comunicação verbal)*. XII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Educação / Unisc – “Educação em mudanças: rastros e caminhos em tempos pandêmicos”. Santa Cruz do Sul, novembro de 2020.